

Uso de conjunções pelos intérpretes aprendentes chineses na interpretação consecutiva português-chinês: estudo baseado em *corpus*

The use of conjunctions by Chinese learner interpreters in Portuguese-Chinese consecutive interpreting: a corpus-based analysis

Chengxu Wang¹

0000-0002-8456-9426 

¹ Departamento de Português, Escola de Estudos Estrangeiros, Universidade Nankai, China.

Autor correspondente: asprion@hotmail.com

Resumo. O uso de conjunções é fundamental para manter a coesão discursiva na interpretação consecutiva português-chinês. Contudo, existem lacunas significativas na investigação sobre esses mecanismos de coesão, afetando o desempenho dos intérpretes. Este artigo analisa comparativamente como aprendentes chineses utilizam conjunções em interpretações consecutivas, identificando as principais dificuldades e estratégias linguísticas adotadas. Para tal, construiu-se um *corpus* com discursos em português vertidos para chinês por estudantes chineses com nível avançado de português. A análise centrou-se na frequência e tipos de conjunções, seguindo a categorização de Halliday, Hasan e Matthiessen (Halliday & Hasan, 1976; Halliday, 1985; Halliday & Matthiessen, 2004), que distinguem conjunções aditivas, adversativas, causais e temporais. Os resultados mostram que as conjunções aditivas e adversativas são as mais utilizadas, enquanto as causais e temporais aparecem com menor frequência. O uso inadequado dessas provoca distorções nas relações lógicas e semânticas, comprometendo a coesão e a precisão das interpretações. O estudo conclui que é necessário maior ênfase no ensino dos mecanismos de coesão na formação de intérpretes, especialmente no uso correto das conjunções, para melhorar a qualidade e a clareza das interpretações consecutivas português-chinês.

Palavras-chave: Interpretação consecutiva português-chinês. Intérpretes aprendentes. *Corpus* de interpretação. Teoria de coesão. Conjunções.

Abstract. The use of conjunctions is essential for discourse cohesion in Portuguese-Chinese consecutive interpreting. However, there is a significant gap in research on these cohesive devices, which directly affects interpreter performance. This study aims to comparatively analyse how Chinese learner interpreters utilize conjunctions in consecutive interpreting, focusing on identifying the main challenges they face and the strategies they employ to address these difficulties. To achieve this, a corpus of Portuguese speeches and their consecutive interpretations into Chinese by advanced-level Chinese learners of Portuguese was created. The analysis examined the frequency and types of conjunctions used, based on Halliday, Hasan, and Matthiessen's categorization (Halliday & Hasan, 1976; Halliday, 1985; Halliday & Matthiessen, 2004) of additive, adversative, causal, and temporal conjunctions. The findings revealed that additive and adversative conjunctions were most frequently used, while causal and temporal conjunctions appeared less often. The inappropriate use of these conjunctions leads to distortions in logical and semantic relationships, compromising the cohesion and accuracy of interpretations. The study concludes that greater emphasis on teaching cohesive devices is necessary, particularly

the correct use of conjunctions, to improve the quality of Portuguese-Chinese consecutive interpretations.

Keywords: Portuguese-Chinese consecutive interpretation. Chinese learner interpreters. Interpretation corpus. Model of cohesion. Conjunctions.

1. Introdução

A interpretação consecutiva é uma atividade complexa que exige dos intérpretes não apenas um domínio profundo das línguas de partida e de chegada, mas também competências cognitivas avançadas para garantir a compreensão e a comunicação eficaz em tempo real. Conforme destaca Jones (2002), a primeira chave para entender o discurso¹ original do orador é a identificação das ideias principais, seguida pela análise das relações entre elas. Assim, como as orações nas línguas naturais são interconectadas de maneira específica, são também exatamente essas relações que determinam o sentido geral do discurso (Jones, 2002, pp. 28–29). Nesse contexto, as conjunções surgem como mecanismos essenciais para manter a coesão entre as ideias, sendo fundamentais para garantir a coerência do discurso, visto que é por meio delas que ocorre a continuidade textual (textos escritos e orais), bem como se estabelecem os diferentes tipos de ligação e relação entre as orações. Com isso, a precisão na identificação e no uso dessas ligações lógicas, em conjunções e/ou locuções conjuntivas como por exemplo “como”, “dado que”, “portanto”, “porque”, entre outras, é crucial para manter a fidelidade da interpretação.

Conforme afirmado anteriormente, as conjunções desempenham um papel essencial como mecanismos de coesão, sendo fundamentais para alcançar a continuidade discursiva. Segundo Halliday e Hasan (1976), em *Cohesion in English*, a coesão refere-se a uma gama de recursos que conectam elementos do discurso, sendo de natureza semântica. A teoria desses autores, embasada na gramática sistêmico-funcional de Halliday, lançou as bases para a análise da coesão no discurso e, subsequentemente, na tradução e interpretação. Os contributos de Halliday e Hasan para a análise da coesão têm sido particularmente influentes no campo da interpretação, disponibilizando ferramentas para examinar como a coesão afeta a compreensão de discursos orais.

Ao longo das décadas de 1970 a 1990, o campo da linguística aplicada testemunhou um aumento no uso da análise do discurso, particularmente na tradução. Munday (2008, p. 116) observa que essa abordagem destacou a importância da coesão e da coerência para a qualidade de tradução e interpretação. Estudos anteriores, como os de Blum-Kulka (1986) e Baker (1992), também reconhecem que a coerência entre a língua de partida e a de chegada é crucial para o sucesso da tradução. No contexto da interpretação, Gallina (1992, p. 69) sublinha que a coesão é um componente essencial tanto na interpretação simultânea quanto na consecutiva. O uso eficaz de recursos coesivos no discurso tem um

¹ Utiliza-se, neste trabalho, a tradução do termo “discurso” (ing. *speech*) por ser já estabelecida nos estudos de interpretação, referindo-se a qualquer gênero textual que é o alvo do trabalho do intérprete. Assim, não se deve confundir com a noção ampla de “discurso”, a qual se relaciona com questões ideológicas, sociais, autorais, etc., de acordo com a forma como é empregada nos estudos discursivos.

impacto direto na interpretação, influenciando a compreensão do público-alvo. A falha em reproduzir adequadamente essas conexões coesivas na língua de chegada pode comprometer a coerência do discurso interpretado, levando à confusão, perda de informações ou mal-entendidos.

Embora a relevância da coesão e da coerência no processo de interpretação seja amplamente reconhecida, há uma escassez de pesquisas acadêmicas que abordem especificamente esses aspectos na interpretação consecutiva entre português e chinês. Este cenário reflete, em parte, o desenvolvimento tardio e desigual do ensino da interpretação na China. Conforme observam Ren et al. (2025, pp. 8–9), na década de 1990, apenas três instituições chinesas ofereciam formação especializada em interpretação, concentradas principalmente em combinações linguísticas com o inglês. A combinação português-chinês apresenta um quadro ainda mais desafiador. Han (2022, p. 56) observa que embora haja estudos sobre o ensino da interpretação entre chinês e português estes são limitados em profundidade, concentrando-se principalmente em tópicos como a tomada de notas, modelos de ensino bilíngue e avaliação de desempenho. Ademais, verifica-se uma escassez de materiais didáticos específicos e de instrutores com a experiência teórica e prática adequada. Apenas recentemente têm surgido recursos didáticos específicos para esta combinação linguística, como a obra *Interpretação em chinês: aspectos teóricos e metodologias didáticas* de Moratto et al. (2025), obra originalmente publicada em italiano e traduzida para o português, que oferece orientações práticas sobre treino de memória, técnicas de anotação, interpretação simultânea e consecutiva, bem como estratégias para o tratamento de expressões idiomáticas. Esta situação evidencia a importância de investir na formação de estudantes de interpretação, com foco em aprendentes nativos de chinês, que representam uma parte significativa do futuro corpo de intérpretes nessa combinação linguística. As dificuldades específicas desses aprendentes em lidar com as diferenças de coesão linguística e cultural entre o português e o chinês precisam ser mais bem compreendidas para que possam ser desenvolvidas estratégias pedagógicas mais eficazes e fundamentadas empiricamente. Diante dessas lacunas, a presente pesquisa propõe-se analisar o uso de conjunções por intérpretes aprendentes chineses na interpretação consecutiva entre português e chinês, adotando uma abordagem baseada em *corpus*. A partir de uma análise comparativa fundamentada na teoria da coesão de Halliday, Hasan e Matthiessen (Halliday & Hasan, 1976; Halliday, 1985; Halliday & Matthiessen, 2004), busca-se compreender as diferenças nos mecanismos de coesão entre o português (língua de partida) e o chinês (língua de chegada) no uso de conjunções. Com isso, espera-se contribuir para uma melhor compreensão dos desafios enfrentados pelos aprendentes de interpretação e fornecer fundamentos teóricos e práticos para o desenvolvimento de estratégias pedagógicas mais eficazes no treinamento de intérpretes português-chinês.

2. Revisão de literatura

Os Estudos da Interpretação tiveram início na década de 1950, com um foco inicial na análise das qualidades essenciais dos intérpretes, nas normas operacionais e nas técnicas usadas no processo da interpretação. Nesse primeiro estágio, a pesquisa centrou-se na sistematização de práticas e na consolidação de conhecimentos empíricos. Com o

surgimento da interpretação simultânea e dos seus desafios em relação à compreensão e produção de informações linguísticas, alguns psicólogos começaram a estudar os processos cognitivos envolvidos na interpretação (Oléron & Nanpon, 2002; Goldman-Eisler, 1972). Pöchhacker (2004) reconhece que esses estudos interdisciplinares pioneiros, baseados na psicologia cognitiva e experimental, criaram uma base sólida para a investigação dos mecanismos de transferência de informações na interpretação (pp. 33–34).

Com o avanço dos estudos sobre os processos cognitivos envolvidos na interpretação, novas ferramentas metodológicas, como a Linguística de *Corpus*, começaram a ser incorporadas, trazendo uma nova perspectiva para a análise do desempenho dos intérpretes. O marco inicial desse movimento foi a publicação de Shlesinger (1998), intitulada *Corpus-based interpreting studies as an offshoot of corpus-based translation studies*, que destacou a importância do uso de métodos baseados em *corpus* para a interpretação, além dos desafios e caminhos de pesquisa. Seguindo a linha de Shlesinger, Gumul (2006) analisou as mudanças de tradução no contexto da interpretação simultânea, utilizando um *corpus* de interpretação, e constatou que 40% das mudanças explícitas envolviam o uso de conjunções, realçando, assim, a importância dos mecanismos de coesão no processo interpretativo.

Verplaetse (2022), ao investigar o impacto de *corpora* monolingues especializados e ferramentas bilíngues na avaliação da qualidade dos discursos científicos realizados por estudantes de língua neerlandesa, focando a interpretação do inglês para o neerlandês, veio reforçar a crescente importância da Linguística de *Corpus* na avaliação da qualidade da interpretação.

Embora a Linguística de *Corpus* tenha sido amplamente adotada nos estudos de tradução e interpretação em outras combinações linguísticas, o estudo de suas aplicações entre o português e o chinês permanece incipiente, como apontado por Han (2022). Ao proceder à revisão publicações acadêmicas, entre 2016 e 2019, Han observa que o número de artigos focados no ensino da interpretação português-chinês é extremamente limitado e carece de profundidade. Apenas cinco artigos exploram questões preliminares, como ensino de anotações para interpretação, observação de aulas bilíngues, avaliação da qualidade e treinamento de intérpretes (Han, 2022, pp. 55–56).

Dando continuidade às vantagens oferecidas pela análise baseada em *corpora*, Hu (2011) demonstra como a combinação de métodos da Linguística Funcional, Linguística de *Corpus* e Linguística Computacional pode oferecer contributos mais profundos sobre os discursos interpretados. Através da análise estatística de *corpora*, Hu destaca características como padrões lexicais, estruturas frasais e modos de organização discursiva, o que não apenas contribui para uma compreensão objetiva da organização dos discursos, mas também permite uma análise comparativa entre o discurso original e a sua interpretação (Hu, 2011, pp. 175–190). Dentro desse contexto, o estudo dos mecanismos de coesão, particularmente o uso de conjunções, torna-se ainda mais relevante para garantir a clareza e a coerência na interpretação. Shlesinger (1995) enfatiza que as conjunções desempenham um papel crucial na manutenção da fluidez e da lógica do discurso, especialmente em cenários de alta pressão, como a interpretação simultânea. Sob alta carga cognitiva, intérpretes tendem a reduzir o uso de conjunções, o que pode

comprometer a coesão e a clareza do discurso. Wang (2020), ao utilizar a teoria da coesão da linguística sistêmico-funcional, analisa detalhadamente o papel dos mecanismos de coesão na construção da coerência discursiva durante a interpretação simultânea chinês-inglês. A partir de uma análise comparativa entre intérpretes profissionais e estudantes, Wang sistematiza os diferentes modos pelos quais ambos os grupos lidam com o uso de conjunções.

Apesar dos progressos significativos nos estudos de interpretação em geral, a pesquisa sobre o uso de conjunções na interpretação entre português e chinês ainda é notoriamente insuficiente. Como o português depende significativamente de conectores explícitos para expressar relações semânticas, esses estudos são ainda mais importantes para o desenvolvimento da interpretação entre português e chinês. Assim, o uso da Linguística de *Corpus* para estudar os mecanismos de coesão na interpretação português-chinês oferece uma base teórica robusta e dados empíricos importantes para a formação de intérpretes e o aprimoramento das práticas pedagógicas.

3. Mecanismos de coesão e conjunções

O enquadramento teórico desta análise tem como objetivo fornecer uma base conceitual sólida para o estudo da coesão discursiva, com foco particular no papel das conjunções na interpretação consecutiva entre português e chinês. A seguir, discutiremos os principais conceitos relacionados com a coesão discursiva, incluindo os mecanismos propostos por Halliday, Hasan e Matthiessen, com especial ênfase nas conjunções, fundamentais para a organização lógica de discursos interpretados.

A Teoria da Coesão, proposta por Halliday e Hasan em 1976, é uma das principais abordagens no estudo da coerência discursiva na linguística. Esta teoria sustenta que a coesão, essencial para a coerência textual, vai além das relações lexicais ou gramaticais, abrangendo também conjunções lógicas, causais e temporais entre diferentes elementos linguísticos (Halliday & Hasan, 1976, p. 238). A coesão discursiva reflete, portanto, as conexões estabelecidas entre as partes do discurso, sendo fundamental para a construção de um texto coeso e coerente.

Para que a coesão seja estabelecida de maneira eficaz em um texto, Halliday e Hasan propõem cinco mecanismos principais que organizam a informação de forma coesa. Esses mecanismos incluem referência, elipse, substituição, conjunção e coesão lexical (Halliday & Hasan, 1976; Halliday, 1985; Halliday & Matthiessen, 2004). A seguir, comentamos cada um destes mecanismos:

Referência: Refere-se a itens que necessitam apontar para algo ou alguém para serem interpretados corretamente, ou seja, não têm sentido completo isoladamente.
Substituição: Ocorre no nível léxico-gramatical, onde palavras ou expressões são substituídas por outras. Essa substituição pode ser nominal, verbal ou oracional.
Elipse: Conhecida como “substituição zero”, a elipse ocorre quando elementos são omitidos, mas o sentido é mantido. Assim como a substituição, pode ser nominal, verbal ou oracional.

Conjunção: Estabelece relações semânticas que conectam partes do discurso, como aditiva, causal, temporal ou adversativa, criando uma ligação lógica entre o que veio antes e o que segue.

Coesão lexical: A coesão lexical é alcançada pela seleção do vocabulário, por meio da repetição de itens lexicais idênticos ou que partilham o mesmo referente.

Entre os mecanismos de coesão, as conjunções destacam-se pela sua importância na criação de relações lógicas claras entre frases e cláusulas. Halliday e Hasan (1976, pp. 238–243) classificam as conjunções em quatro categorias principais. Listamos a seguir essas categorias:

Conjunções aditivas: Estabelecem relações de adição ou complemento, como por exemplo “e” e “também”.

Conjunções adversativas: Indicativas de contraste ou oposição, como por exemplo “mas” e “porém”.

Conjunções causais: Estabelecem relações de causa e efeito, como por exemplo “porque”, e “portanto”.

Conjunções temporais: Estabelecem uma sequência temporal, como por exemplo “quando” e “depois”.

Posteriormente, Halliday e Matthiessen (2004) expandiram essa classificação, agrupando as conjunções em três grandes categorias: elaborativas, extensivas e de intensificação, o que permitiu uma compreensão mais aprofundada das relações entre orações e subcláusulas.

Na interpretação consecutiva, as conjunções desempenham um papel crucial ao ajudar o intérprete a organizar a lógica do discurso e a construir uma interpretação coerente na língua de chegada. O uso adequado de conjunções permite ao intérprete captar rapidamente as relações lógicas no discurso original, facilitando a antecipação de informações subsequentes e a organização eficiente das ideias. Durante a interpretação, as conjunções garantem que o discurso mantém a lógica e fluidez do original, o que é especialmente importante em contextos onde transições como adversidade ou causalidade são cruciais para o raciocínio do orador.

4. Metodologia

A pesquisa científica geralmente divide-se em duas categorias principais: pesquisa conceptual (ou teórica) e pesquisa empírica. Esta última subdivide-se em pesquisa naturalista (ou observacional) e pesquisa experimental, que abrange métodos como estudo de caso, pesquisa de *corpus* e pesquisa de levantamento (Williams & Chesterman, 2002). No contexto dos Estudos da Interpretação, Bao (2005) identificou mais de uma dezena de métodos, incluindo síntese de experiência, métodos indutivos, introspecção, método da “caixa preta”, observação de campo, levantamento de informações, definição de modelos de interpretação, análise de materiais elaborados nas línguas de partida e de chegada, método experimental e abordagens interdisciplinares.

A nossa pesquisa adota uma abordagem mista de pesquisa empírica, combinando métodos de pesquisa de *corpus* e análise de materiais elaborados nas línguas de partida e de chegada. Utilizamos tanto as análises quantitativa quanto qualitativa para examinar, de forma sistemática, o uso de conjunções por intérpretes aprendentes durante o processo de interpretação consecutiva português-chinês.

4.1. Procedimentos de pesquisa

O estudo segue uma sequência de etapas estruturadas, descritas a seguir:

a. Construção de um *corpus* de interpretação consecutiva português-chinês

Iniciamos o estudo com a criação de um *corpus* de interpretação consecutiva português-chinês, que serviu como base para a nossa análise de dados. O *corpus* da língua de partida foi compilado a partir do *Speech repository*² da Comissão Europeia, contendo nove discursos em português sobre temas diversos. Para o *corpus* da língua de chegada, utilizamos gravações de áudio de três intérpretes aprendentes chineses, realizadas durante aulas ministradas pela autora. As gravações foram efetuadas com o software de ensino interativo *Classin* e, para garantir precisão, as transcrições foram refinadas manualmente após uma transcrição automática feita com a ferramenta *Turboscribe AI*.

b. Análise de dados sobre o uso de conjunções

Realizámos uma análise detalhada do uso de conjunções tanto por falantes nativos de português quanto pelos intérpretes aprendentes chineses. A anotação das conjunções no *corpus* foi feita manualmente, classificando-as com base nas suas funções semânticas e registando as suas frequências de uso. Para a análise quantitativa, utilizamos a biblioteca *Python (pandas)* para sintetizar os dados em tabelas que facilitam uma análise visual do uso de conjunções. Também utilizamos *Matplotlib* para criar gráficos que ilustram a distribuição das conjunções.

c. Análise de casos

Selecionámos dois discursos específicos, intitulados “O continente do lixo” e “Trocar para viver”, para explorar, de maneira aprofundada, as estratégias de uso de conjunções pelos intérpretes chineses. Esta análise teve como objetivo compreender as escolhas linguísticas feitas durante a interpretação e as dificuldades encontradas pelos estudantes.

4.2. Critérios de seleção da amostra

Os dados em língua de partida foram retirados do repositório de discursos da Comissão Europeia, baseando-se nos critérios de idioma (português), nível (inicial e intermediário) e aplicação em aulas de interpretação português-chinês no ano letivo de 2023–2024. O público-alvo de pesquisa foram três estudantes universitários chineses com

² Disponível em <https://speech-repository.webcloud.ec.europa.eu/>, acessido em 25 de agosto de 2024.

língua materna chinesa, que dominavam o português em nível C1 e tinham, pelo menos, seis meses de experiência de aprendizagem nas aulas de interpretação português-chinês.

4.3. Desenho experimental e controle de variáveis

Controlámos rigorosamente as condições experimentais para minimizar fatores externos que pudessem influenciar os resultados. Os dados de língua de partida foram extraídos do *Speech repository* da Comissão Europeia, reconhecido pela sua qualidade para treino de intérpretes profissionais. As sessões de interpretação consecutiva ocorreram numa sala de aula especializada, equipada com cabines e mesas para simular um ambiente de interpretação em conferências.

Concluindo, este estudo combina métodos de pesquisa de *corpus* e análise de materiais de língua de partida e chegada para investigar sistematicamente as estratégias e características do uso de conjunções pelos intérpretes aprendentes chineses. A análise quantitativa revelou tendências específicas no uso de conjunções em contextos complexos, enquanto a análise qualitativa destacou os desafios enfrentados pelos estudantes e as motivações por trás de suas escolhas linguísticas.

5. Análise e discussão de resultados

O objetivo desta secção é analisar e discutir o uso de conjunções nos materiais em língua de partida e de chegada, examinando as estratégias dos intérpretes aprendentes durante o processo de interpretação consecutiva português-chinês. Procura-se entender como esses intérpretes constroem relações lógicas no discurso e os impactos que suas escolhas têm na qualidade da interpretação.

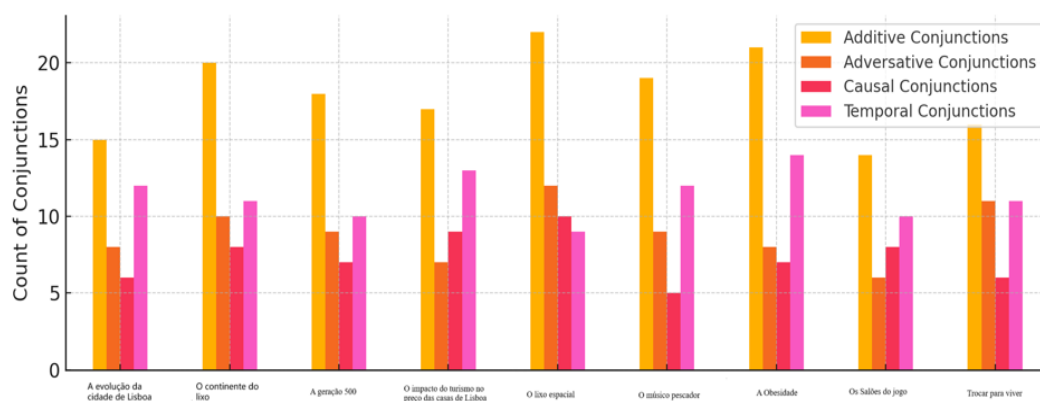
5.1. Análise do uso de conjunções em língua de partida

Como supramencionado, os materiais em língua de partida são compostos por nove transcrições de discursos em português retiradas do banco de dados do Serviço de Interpretação da União Europeia, o *Speech repository*. Esses discursos abordam uma variedade de temas, incluindo economia, saúde, meio ambiente e emprego, com durações variando entre os três e os onze minutos e conteúdos que oscilam entre algumas centenas e mais de mil palavras. Os oradores fazem uso extensivo de conjunções para garantir a coesão e a fluidez lógica do discurso. Abaixo, a Tabela 1 apresenta os detalhes do *corpus* em português e o número de conjunções utilizadas.

Tabela 1. Visão geral do *corpus* em português

Tópico	Duração	Conjunções aditivas	Conjunções adversativas	Conjunções causais	Conjunções temporais
A evolução da cidade de Lisboa	03:21	15	8	6	12
O continente do lixo	09:52	20	10	8	11
A geração 500	06:32	18	9	7	10
O impacto do turismo no preço das casas de Lisboa	03:55	17	7	9	13
O lixo espacial	04:59	22	12	10	9
O músico pescador	05:26	19	9	5	12
A Obesidade	05:47	21	8	7	14
Os Salões do jogo	03:32	14	6	8	10
Trocar para viver	11:22	16	11	6	11

A análise dos discursos em português revela que as conjunções aditivas, como “e” e “também”, são as mais frequentemente utilizadas. Elas ajudam a expandir argumentos e a manter o fluxo do discurso. As conjunções adversativas, como “mas” ou “porém”, também aparecem com frequência, destacando mudanças de argumento ou pontos de inflexão. As conjunções causais, como “porque” e “portanto”, e as temporais, como “quando” e “depois”, têm um uso menos frequente, provavelmente porque os discursos centram-se mais em declarações factuais do que em cadeias causais ou temporais. Abaixo, a Figura 1 ilustra a distribuição dessas conjunções em cada discurso.

Figura 1. Distribuição das conjunções em cada discurso

5.2. Análise do uso de conjunções na língua de chegada

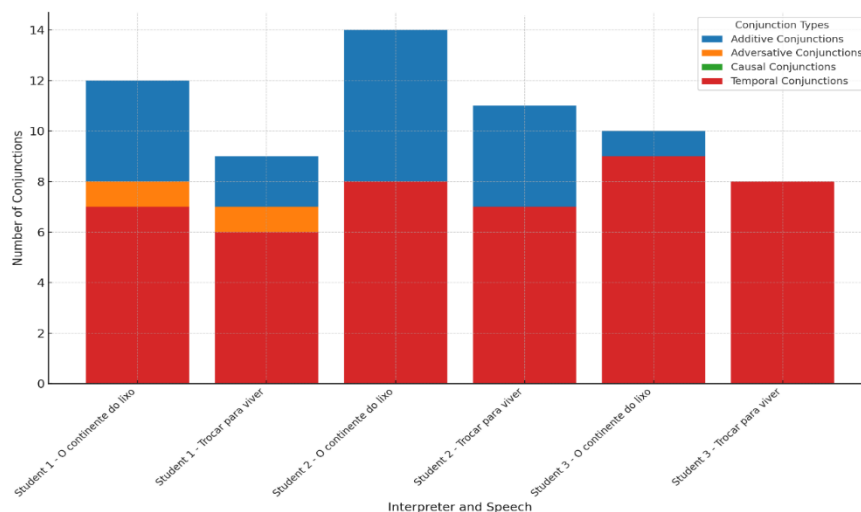
Após se entender como as conjunções são utilizadas nos discursos em português, é essencial observar como essas relações lógicas são traduzidas para o chinês, particularmente nas interpretações realizadas pelos aprendentes.

Os materiais em chinês consistem nas transcrições das interpretações de três estudantes para os discursos “O continente do lixo” e “Trocar para viver”. A escolha desta seleção restrita de dados foi fundamentada em dois aspectos principais: o número reduzido de alunos na inscrição da disciplina de interpretação português-chinês limitou o tamanho da amostra e o foco em dois discursos tematicamente distintos permitiu uma análise mais detalhada das estratégias dos intérpretes no uso de conjunções. Isso assegura uma abordagem mais cuidadosa e evita problemas de generalização. A Tabela 2 a seguir apresenta os detalhes do *corpus* em chinês e o número de conjunções utilizadas.

Tabela 2. Visão geral do *corpus* em chinês

Intérprete	Tópico	Conjunções aditivas	Conjunções adversativas	Conjunções causais	Conjunções temporais
Estudante 1	O continente do lixo	12	8	5	7
Estudante 1	Trocar para viver	9	7	4	6
Estudante 2	O continente do lixo	14	6	6	8
Estudante 2	Trocar para viver	11	5	7	7
Estudante 3	O continente do lixo	10	9	5	9
Estudante 3	Trocar para viver	8	8	4	8

A análise do *corpus* em chinês revela que os intérpretes utilizam conjunções de maneira diversificada, seguindo em grande parte a categorização de Halliday e Hasan (1976). Contudo, houve variações no uso de conjunções entre os alunos, o que pode refletir diferentes compreensões das relações lógicas do discurso original. Abaixo, a Figura 2 ilustra a distribuição dessas conjunções usadas pelos intérpretes aprendentes.

Figura 2. Distribuição das conjunções usadas pelos intérpretes aprendentes

Conjunções aditivas: Conjunções como “和” (e), “而且” (além disso) e “并且” (também) foram as mais usadas. Essas conjunções ajudaram a expandir as informações e a manter a fluidez dos discursos traduzidos, por exemplo:

(LC) 太平洋的洋流让这些垃圾聚集在一起，**而且**形成了一个岛屿。

(Tradução reversa) As correntes do Oceano Pacífico permitiram que esse lixo se juntasse **e, além disso**, formasse uma ilha.

O uso de “而且” (além disso) para conectar o “acúmulo de lixo” e a “formação da ilha” ajuda a manter a coesão do discurso, garantindo uma transição suave entre os eventos relacionados.

Conjunções adversativas: “但是” (mas), “然而” (no entanto), “相反” (pelo contrário) são normalmente usadas para expressar relações lógicas de oposição, contraste ou adversidade. Esse tipo de conjunções ajuda o intérprete a destacar as diferenças entre pontos de vista distintos ou a guiar o público para perceber mudanças lógicas no discurso. Eis um exemplo:

(LC) 这真是一个令人吃惊的发现，**但是**，这一发现背后也反映了严重的污染问题。

(Tradução reversa) Essa é uma descoberta realmente surpreendente, **mas** o grave problema da poluição também está refletido por trás dessa descoberta.

Neste exemplo, o uso de “mas” cria uma distinção clara entre o impacto da “descoberta” e suas implicações, destacando a complexidade do problema tratado.

Conjunções causais: Conjunções como “因为” (porque) e “因此” (portanto) apareceram com menor frequência no *corpus*, mas foram fundamentais para estabelecer relações de causa e efeito. Vejamos o exemplo:

(LC) 这个岛屿的面积达到了 176 万平方公里, **因此**, 我们可以称之为垃圾大陆。

(Tradução reversa) Essa ilha cobre uma área de 1,76 milhões de quilômetros quadrados, **portanto**, podemos chamá-la de continente de lixo.

O uso de “portanto” nesta frase estabelece claramente a relação entre o tamanho da ilha e a sua denominação, reforçando a lógica da argumentação.

Conjunções temporais: Conjunções como “然后” (depois) e “接着” (então) foram raramente usadas, mas desempenharam um papel crucial na organização cronológica dos eventos. Por exemplo:

(LC) 她还清了所有的债务, **之后**剩下的只有 1111 欧元。

(Tradução reversa) Ela pagou todas as suas dívidas e, **depois disso**, só lhe restaram mil cento e onze euros.

O uso de “之后” (depois disso) ajuda a clarificar a sequência dos eventos, facilitando o entendimento do público sobre a evolução das circunstâncias.

5.3. Discussão das estratégias de uso de conjunções

Após comentarmos a frequência e as tendências de uso das conjunções, é necessário analisarmos, de forma mais profunda, as estratégias adotadas pelos intérpretes aprendentes. A comparação com os discursos originais em português revela como as escolhas estratégicas no uso de conjunções têm impacto na qualidade da interpretação.

5.3.1. No caso do discurso “O continente do lixo”

Exemplo 1

Português (LP): Foi uma descoberta surpreendente.

Chinês (Estudante 2): 这真是一个令人吃惊的发现, **但是**, 这一发现背后也反映了严重的污染问题。

(Tradução reversa: Essa é uma descoberta realmente surpreendente, mas o grave problema da poluição também está refletido por trás dessa descoberta.)

Análise: O Estudante 2 utilizou a conjunção adversativa “mas”, embora o discurso original não contivesse tal conjunção. Essa adição criou uma distinção que, embora ausente no original, reforçou a importância do problema da poluição, acrescentando uma dimensão interpretativa à tradução. Entretanto, isso também modificou a simplicidade da frase original.

Exemplo 2

Português (LP): Há uma outra ilha de lixo que fica entre o Japão e os Estados Unidos.

Chinês (Estudante 1): 在日本和美国之间还有另一个垃圾岛·此外, 这一岛屿的面积也很大。

(Tradução reversa: Há outra ilha de lixo entre o Japão e os Estados Unidos e, além disso, essa ilha é muito grande.)

O Estudante 1 utilizou a conjunção aditiva “此外” (além disso) para conectar duas informações, complementando-as com uma inferência lógica sobre o tamanho da ilha (*a área desta ilha é muito grande*). Essa escolha aumentou a coerência na tradução e facilitou a compreensão, permitindo uma progressão mais clara das ideias.

Exemplo 3

Português (LP): A ilha de lixo tem uma espessura que varia entre 10 e 30 metros.

Chinês (Estudante 1): 这个垃圾岛的厚度在 10 到 30 米之间·但是, 这仍然不足以让它完全消失在海面下。

(Tradução reversa: Essa ilha de lixo tem entre 10 e 30 metros de espessura, mas isso ainda não é suficiente para que ela desapareça completamente sob a superfície.)

Análise: O estudante 2 utilizou a conjunção adversativa “但是” (mas) num contexto no qual o discurso original não apresentava oposição. O discurso original oferecia apenas uma descrição objetiva da espessura da ilha de lixo, enquanto a interpretação introduziu, através do uso de conjunção adversativa, uma inferência lógica não presente no original, sugerindo até mesmo uma interpretação pessoal por parte do intérprete. Embora essa escolha tenha acrescentado uma camada de complexidade à informação, também resultou numa transição desnecessária, que comprometeu a clareza da descrição originalmente direta. Isso afetou a precisão da tradução, gerando saltos lógicos que podem confundir o público.

Exemplo 4

Português (LP): Esta ilha só foi descoberta em 1997 por Charles Moore.

Chinês (Estudante 2): 这个岛屿是在 1997 年被查尔斯·摩尔发现的·然而, 这个发现并没有立即引起国际关注。

(Tradução reversa: A ilha foi descoberta por Charles Moore em 1997, no entanto, essa descoberta não atraiu imediatamente a atenção internacional.)

O estudante 2 fez uso da conjunção adversativa “然而” (no entanto) com o intuito de introduzir novas informações, apesar de o texto original não sugerir qualquer oposição. O emprego de “no entanto” gerou uma inferência interpretativa por parte do estudante, inserindo um comentário hipotético que não estava presente na fonte original (*essa descoberta não atraiu imediatamente a atenção internacional*). Esse uso inadequado da conjunção alterou o sentido do texto, adicionando uma transição e uma complexidade desnecessárias à tradução, o que comprometeu a precisão da informação e potencialmente induziu o público em erro. Desse modo, o uso incorreto dessa conjunção teve um impacto significativo na qualidade da tradução.

5.3.2. No caso do discurso “Trocar para viver”

Exemplo 5

Português (LP): Ela não precisava de se preocupar com a renda da casa, porque era proprietária do seu apartamento

Chinês (Estudante 3): 她不用担心房租, 并且她拥有自己的公寓。

(Tradução reversa: Ela não precisa se preocupar com aluguel e tem seu próprio apartamento.)

O estudante 3 utilizou a conjunção aditiva “并且” (e) para conectar duas informações que, no original, estavam associadas por uma relação de causa e efeito. O uso da conjunção aditiva, em vez de uma conjunção causal, comprometeu a clareza lógica da tradução, deixando de expressar adequadamente a relação entre as ideias. Uma conjunção causal, como “porque”, teria sido mais apropriada.

Exemplo 6

Português (LP): Ela não deixou que as críticas a desencorajassem.

Chinês (Estudante 1): 她没有因为批评而气馁, 相反, 她更加坚定了自己的选择。

(Tradução reversa: Ela não ficou desanimada com as críticas, pelo contrário, tornou-se mais determinada na sua escolha.)

Análise: O estudante 1 empregou a conjunção adversativa “pelo contrário”, que não constava no texto original, para estabelecer de forma clara um contraste lógico com a frase anterior. Essa estratégia de ampliação da tradução foi eficaz ao evidenciar a determinação da personagem em lidar com a pressão externa, intensificando o tom emocional do discurso e aprimorando a expressividade da mensagem.

Os exemplos analisados demonstram que o uso adequado das conjunções tem uma influência direta na qualidade da interpretação. Em casos de maior sucesso (como nos exemplos 1, 2 e 6), as conjunções reforçaram a coesão e mantiveram a clareza lógica do discurso original. No entanto, o uso inadequado de conjunções (como nos exemplos 3, 4 e 5), especialmente adversativas e aditivas, resultou em distorções lógicas, introduzindo inferências indevidas e comprometendo a precisão da tradução.

6. Conclusão

Este estudo, fundamentado na teoria da coesão de Halliday, Hasan e Matthiessen (Halliday & Hasan, 1976; Halliday, 1985; Halliday & Matthiessen, 2004), investigou o uso de conjunções na interpretação consecutiva português-chinês por aprendentes chineses, revelando o impacto direto desses mecanismos de coesão na fluidez e coerência do discurso interpretado. A pesquisa, baseada em uma abordagem de Linguística de *Corpus*, mostrou que conjunções aditivas, adversativas, causais e temporais desempenham papéis cruciais na manutenção da coesão do discurso durante a interpretação. Os intérpretes aprendentes chineses tendem a utilizar conjunções aditivas

com maior frequência, seguidas pelas adversativas, enquanto as causais e temporais aparecem com menor regularidade. Essa preferência pode ser explicada pela necessidade de assegurar a continuidade e fluidez do discurso interpretado.

Embora a análise quantitativa revele uma preferência clara por determinadas conjunções, a análise qualitativa mostrou que os intérpretes, mesmo ao fazerem uso estratégico dessas conjunções, enfrentam dificuldades em traduzir adequadamente as relações lógicas entre as frases. O uso inadequado de conjunções, como a substituição de adversativas por aditivas ou causais, levou a distorções nas relações lógicas, comprometendo a coerência e a precisão da interpretação.

Essas dificuldades destacam a necessidade de uma maior atenção ao ensino de mecanismos coesivos no treinamento de intérpretes. Os achados têm implicações significativas para o ensino da interpretação português-chinês e vice-versa, indicando que uma ênfase mais forte no treino do uso de conjunções pode melhorar a precisão e a coerência das interpretações. O uso da Linguística de *Corpus* provou ser uma ferramenta valiosa ao identificar padrões específicos nas escolhas linguísticas dos aprendentes, proporcionando uma análise detalhada de como as conjunções afetam a coesão do discurso.

Considerando essas implicações, futuras pesquisas devem investigar mais profundamente como o nível de proficiência linguística dos aprendentes influencia o uso de conjunções e até que ponto a pressão cognitiva em contextos de interpretação ao vivo afeta as suas escolhas discursivas. Além disso, as diferenças culturais entre o português e o chinês podem influenciar a forma como os intérpretes aplicam os mecanismos de coesão, sendo um aspeto crucial para o desenvolvimento de metodologias pedagógicas mais eficazes. Explorar essas questões contribuirá significativamente para a formação de intérpretes mais competentes, capazes de garantir traduções mais coesas e precisas.

Contribuição dos autores: A autora realizou integralmente todas as etapas da investigação, incluindo: conceitualização; metodologia; investigação e recolha de dados; curadoria dos dados; análise formal; visualização; redação do rascunho original; revisão e edição do texto; administração do projeto.

Financiamento: Esta pesquisa não recebeu financiamento de nenhuma agência de financiamento público.

Disponibilização de dados: Os dados que sustentam este estudo estão disponíveis mediante solicitação à autora correspondente.

Referências

- Baker, M. (1992). *In other words: a coursebook on translation*. Routledge.
- Blum-Kulka, S. (1986). Shifts in cohesion and coherence in translation. In J. House & S. Blum-Kulka (Eds.), *Interlinual and intercultural communication* (pp. 17–35). Gunter Narr.
- Bao, G. (2005). 口译理论概述. [*Interpretation studies*]. China Translation & Publishing

- Corporation.
- Gallina, S. (1992). Cohesion and the systemic-functional approach to text: applications to political speeches and significance for simultaneous interpretation. *The Interpreters' Newsletter*, 4, 62–71.
- Goldman-Eisler, F. (1972). Segmentation of input in simultaneous translation. In F. Pöchhacker & M. Shlesinger (Eds.), *The interpreting studies reader* (pp. 69–76). Routledge.
- Gumul, E. (2006). Explicitation in simultaneous interpreting: a strategy or a by-product of language mediation? *Across Languages and Cultures*, 7(2), 171–190.
- Halliday, M. A. K. (1985). *An introduction to functional grammar*. Edward Arnold.
- Halliday, M.A.K., & Hasan, R. (1976). *Cohesion in english*. Longman.
- Halliday, M. A. K., & Matthiessen, C. (2004). *An introduction to functional grammar* (3^a ed.). Hodder Arnold.
- Han, L. L. (2022). 中葡口译教学史、现状与展望——兼及澳门的贡献 [The history, current situation, and prospects of Portuguese-Chinese interpreting education: with a focus on Macao's contribution]. 澳门理工学报(人文社会科学版) [*Journal of Macao Polytechnic Institute*], 25(2), 52–61.
- Hu, K. B. (2011). 语料库翻译学概论 [*Introduction to corpus-based translation studies*]. Editora da Universidade de Jiao Tong de Shanghai.
- Jones, R. (2002). *Conference interpreting explained* (2^a ed.). St. Jerome Publishing.
- Moratto, R., Tipà, I., Cheng, Z., Han, W., & D'Aversa, M. A. (2025). *Interpretação em chinês: aspectos teóricos e metodologias didáticas*. Companhia de Serviços Linguísticos e Informáticos-LITS Lda.
- Munday, J. (2008). *Introdução aos estudos de tradução: teorias e aplicações* (2^a ed.). Routledge.
- Oléron, P., & Nanpon, H. (2002). Research into simultaneous translation. In F. Pöchhacker & M. Shlesinger (Eds.), *The interpreting studies reader* (pp. 43–50). Routledge.
- Pöchhacker, F. (2004). *Introducing interpreting studies*. Routledge.
- Ren, W., Zheng, L. Q., & Wang, H. L. (2025). 口译教学研究 [*Research on interpreting pedagogy*]. Foreign Language Teaching and Research Press.
- Shlesinger, M. (1995). Shifts in cohesion in simultaneous interpreting. *The Translator*, 1, 193–214.
- Shlesinger, M. (1998). Corpus-based interpreting studies as an offshoot of corpus-based translation studies. *Meta*, 43(4), 486–493.
- Verplaetse, H. (2022). Translation quality in student specialised translation: the impact of corpus use. In S. Granger & M. Lefer (Eds.), *Corpora in translation and contrastive research* (pp. 209–236). Routledge.
- Williams, J., & Chesterman, A. (2002). *The map: a beginner's guide to doing research in translation studies*. St. Jerome Publishing.
- Wang, X. L. (2020). 英汉同声传译中衔接处理方式的选择与原因研究 [*a study on the selection and reasons for cohesion handling in English-Chinese simultaneous interpreting*]. Editora da Universidade de Jiao Tong de Shanghai.

[recebido em 25 de março de 2025 e aceite para publicação em 21 de novembro de 2025]

Anexos

Anexo 1 O continente do lixo (transcrição)

Muito boa tarde, minhas senhoras e meus senhores. Há duas teorias quanto ao número de continentes existentes no nosso planeta.

Umas pessoas dizem que há cinco continentes, outras pessoas dizem que há seis e esse número varia conforme se considera que a Antártida é um continente ou não. Há quem considere que sim e há quem ache que não. Se concordam que a Antártida é um continente e, portanto, que existem seis continentes no planeta Terra, eu viria aqui a anunciar-vos que é provável que se possa contar com um sétimo continente.

Na verdade, não é verdadeiramente um continente, é mais uma ilha, mas é uma ilha de dimensões consideráveis. Ela tem três vezes o tamanho da Península Ibérica. Contudo, a principal característica desta ilha é que ela, em vez de ter terra e plantas, não tem nada disso, tem única e exclusivamente lixo.

Eu disse-vos que se tratava de uma ilha de enormes dimensões e é verdade. Ela mede, mais coisa menos coisa, 2200 por 800 quilómetros e, portanto, tem uma enorme superfície, de qualquer coisa como 1 milhão e 760 mil quilómetros quadrados. É qualquer coisa de notável.

E esta ilha de lixo, porque é disso que se trata, tem uma espessura variável, que vai dos 10 aos 30 metros de lixo de espessura. Estarão com certeza a pensar, mas como é que se conseguiu juntar tanto lixo no oceano? É fácil de explicar. Foram as correntes do Pacífico que fizeram com que este lixo convergisse no local onde a ilha acabou por se formar e se fosse aglomerando e compactando. Como, ainda por cima, na zona do Oceano Pacífico, em que a ilha se situa, há pouco vento, é uma região pouco ventosa, o lixo pôde acumular-se tranquilamente, compactar-se e formar a nossa ilha.

É espantoso registar que esta não é a única ilha de lixo existente. A outra também fica no Pacífico, mas não no Pacífico Ocidental, fica mais ou menos equidistante entre o Japão e os Estados Unidos. É curioso também verificar que esta ilha só foi descoberta em 1997. Esta descoberta foi feita por um velejador, o Sr. Charles Moore, que tinha feito uma viagem de Los Angeles para o Havai, para Honolulu, e, no seu regresso, no seu barco à vela a Los Angeles, deparou com uma situação que foi a seguinte. Numa determinada fase da sua viagem, começou a notar que não se via peixe na água e é muitas vezes frequente estes barcos à vela serem acompanhados por peixes de grandes dimensões, atraídos pelo mesmo. Só que o Sr. Charles Moore começou a ver que havia cada vez menos peixes na água e também que havia cada vez menos pássaros no céu. E, a um determinado momento, começou a aperceber-se, a avistar costa. Só que ele sabia que não podia ser Los Angeles o que estava à sua frente e ficou muito curioso. E então aproximou-se e, ao aproximar-se, descobriu esta ilha do lixo.

Esta ilha está evidentemente inabitada, por razões que nem vale a pena estar a explicar, e agora, hoje em dia, é utilizada sobretudo por escolas secundárias norte-americanas, de vários tipos de instituições de ensino, para fazer expedições. Expedições até, às vezes, bastante extensas, chegam a durar um mês, com navios que levam

estudantes, então desses níveis de ensino, até à ilha, no sentido de consciencializar esses jovens e de os alertar para o problema da poluição marinha.

E os jovens podem, assim, discutir toda a questão da poluição no mar, e tentar perceber, de alguma forma, porque é que até hoje ainda não se conseguiu encontrar uma solução definitiva e a contento para este enorme problema que é a poluição no mar.

Donde é que virá todo este lixo que ajudou a formar esta ilha no Pacífico Ocidental? A resposta é bastante evidente, veio da terra.

Estima-se que o homem produza 100 milhões de toneladas por ano de lixo e que, desses 100 milhões de toneladas, 10% vai acabar no mar. Diz-se então, de acordo com estudos, que 80% de tudo o que são objetos inanimados que estão no mar vieram da terra. E, para ajudar a compreender este número, basta analisarmos um pouco as informações científicas de que dispomos.

Os cientistas dizem-nos que, se pegarmos numa fralda, uma simples fralda de bebé, e a atirmos para o mar, ela demorará qualquer coisa como 500 anos até se decompor completamente, até se desfazer completamente na água. Se pegarmos, por outro lado, numa garrafa de plástico, daquelas de litro e meio, que todos nós utilizamos bastante a miúdo, e a atirmos para o mar, ela andarà pela água uns 400 anos até desaparecer completamente. As Nações Unidas estimaram já há algum tempo que, por cada metro cúbico de água no mar, existam 46 mil pedaços de lixo nele, o que é verdadeiramente assustador.

O problema é que todo este lixo não se limita a poluir os mares. Se só fizesse isso, já seria sobejamente grave. Mas não. Este lixo polui os nossos mares, suja as nossas costas. E ajuda também a aniquilar toda uma série de animais aquáticos. Há vários animais aquáticos, por exemplo, que se alimentam das nossas conhecidas alforrecas. E muitas vezes estes animais confundem os sacos de plástico que caem ao mar com alforrecas, engolem-nos e morrem sufocados.

Mas os próprios habitantes das zonas costeiras acabam por pagar também o preço da poluição no mar. Não só porque as espécies marinhas desaparecem e os pescadores perdem o seu meio de subsistência, mas também porque o próprio turismo sofre com o problema da poluição, como é evidente. Quem é que quer ir bronzear para uma praia cheia de lixo? Ninguém, como é evidente.

O que se passa é que o ser humano continua míope, continua obcecado com objetivos de curto prazo, com o lucro fácil, com a industrialização, e não consegue ter vistas um pouco mais largas que lhe permitam a perceber que este é o caminho para a destruição.

Esperemos, então, que o ser humano encontre uns óculos que lhe permitam sair desta miopia do lucro fácil e da industrialização cada vez maior, e que seja possível preservarmos, ainda que um pouco, o meio ambiente do nosso planeta. Porque, senão, corremos o risco de daqui a alguns anos os nossos filhos ou os nossos netos não fazerem ideia do que é um peixe. Muito obrigado.

(Audição do discurso em: <https://speech-repository.webcloud.ec.europa.eu/speech/o-continente-de-lixo>)

Anexo 2 Trocar para viver (transcrição)

Olá, bom dia, chamo-me Isaura Fernandez, sou intérprete do Parlamento Europeu, estou aqui para vos fazer um discurso sobre um tema com alguma atualidade, penso. Vou falar-vos do caso concreto de uma jovem portuguesa de 32 anos, que, num belo dia, resolveu que queria mudar radicalmente de vida. Deixou o seu emprego, o emprego era bem pago até, mas que não a fazia muito feliz e, resolveu optar por um outro estilo de vida. Vamos ver.

O título do discurso é “Trocar para viver”.

Em período de crise e incerteza, quando tudo nos parece particularmente sombrio e negativo, é muito importante não perder a esperança e, acima de tudo, ter a coragem de procurar alternativas. As dificuldades são, muitas vezes, um estímulo para a criatividade e para a inovação. Como se costuma dizer, “a necessidade aguça o engenho”. E a propósito disto, eu gostaria de vos falar de uma jovem portuguesa de 32 anos, o seu nome é Ana Salgueiro. Esta jovem, em 2012, decidiu mudar de vida.

No início do ano, despediu-se de um emprego que até era bem pago, mas que não a fazia feliz. Bom, por sorte, ela não precisava de se preocupar com a renda da casa, porque era proprietária do seu apartamento, por isso, o dinheiro que já tinha conseguido economizar durante o período em que esteve a trabalhar, todo esse dinheiro foi para pagar ao banco o empréstimo do carro. Ela não queria ter dívidas ao dar início ao seu novo projeto de vida.

Depois de saldar essa dívida, sobraram-lhe pouco mais de mil euros, e foi com isso que ela resolveu que iria viver durante quase um ano. Mais exatamente, a Ana colocou a si própria o seguinte desafio: ela iria subsistir com mil cento e onze euros durante um período de onze meses e onze dias. O seu objetivo não era arranjar um emprego fixo ou retomar as rotinas da sua vida anterior, o que ela queria era colocar-se à prova: recorrendo ao velho método das trocas de bens e serviços entre particulares.

Quando deu a conhecer o seu projeto a amigos e familiares, não faltaram as vozes fatalistas. Os comentários derrotistas dos velhos do Restelo: Ai, o que tu vais fazer? Vais arruinar a tua vida? Tu pensaste bem o que vais fazer? Mas ela não se deixou desencorajar e, contra ventos e marés, lá levou por diante o seu projeto.

Ao princípio, armazenava imensa comida, porque tinha medo que as reservas acabassem e não conseguisse trocas suficientes. Depois, foi-se percebendo que, afinal, tudo era muito mais simples do que tinha imaginado inicialmente. Ela trabalhou num restaurante em troca de comida, deu explicações de matemática em troca de um jantar, até foi assistente de cabeleireiro para conseguir um novo corte do cabelo, fez limpezas, apanhou frutas, até alimentou galinhas. Também trocou os livros por comida para os seus gatos, aprendeu a fazer champôs e sabonetes em casa e conseguiu ter *internet* porque uma amiga lhe emprestou o código de acesso. Por seu lado, em troca, a Ana deu-lhe alguns livros de culinária.

É importante dizer que, depois disto tudo, a Ana já não é a mesma pessoa. Esta experiência constituiu um verdadeiro processo de aprendizagem que lhe permitiu descobrir outras formas de vida. Para a Ana, não é muito importante se trocarmos uma coisa por outra exatamente com o mesmo valor. Porque isso, no fundo, seria voltar à

lógica do dinheiro. O princípio de base é o seguinte: se eu tenho mais, então posso dá-lo aos outros e, em contrapartida, talvez eles tenham algo que também seja interessante para mim.

O exemplo da Ana é interessante não só pelo caráter insólito do seu projeto, mas, sobretudo, pela convicção com que ela se empenhou nele. Ao ouvirmos a sua história, ficamos com a sensação de que afinal não é assim tão difícil mudarmos radicalmente o curso das nossas vidas, basta querermos e metermos mãos à obra.

(Audição do discurso em: <https://speech-repository.webcloud.ec.europa.eu/speech/trocar-para-viver>)